

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES

# REGIÃO

FIÇÕES ETC.

*Posfácio*

**Augusto Massi**



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Zulmira Ribeiro Tavares  
Copyright do posfácio © 2012 by Augusto Massi

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Victor Burton sobre detalhe de *Progressões crescentes e decrescentes com vermelho e laranja*,  
de Antonio Maluf, década de 1960, acrílica sobre madeira, 58,4 × 29,7 cm.  
Coleção de Zulmira Ribeiro Tavares. Reprodução de Renato Parada.

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Ana Luiza Couto  
Luciana Baraldi

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Tavares, Zulmira Ribeiro  
Região/ Zulmira Ribeiro Tavares. — 1ª ed. — São  
Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2191-5

1. Ficção brasileira I. Título.

12-12435

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

## I. TERMOS DE COMPARAÇÃO, 11

A curiosa metamorfose pop do sr. Plácido, 13

A Coisa em Si, 21

A sua medida, 30

O conto da Velha Cativa Dentro do Pote, 40

Realidade/realidade, 49

Ócio, óculos e ovos de codorna, 69

O senso comum e o bichinho roedor, 76

## II. O JAPONÊS DOS OLHOS REDONDOS, 95

O tapa-olho do olho mágico, 97

O japonês dos olhos redondos, 115

O homem do relógio da luz, 129

Primeira aula prática de filosofia, 139

Cai fora, 145

Passamento, 163  
O Gordo e o Magro e Coisa Nenhuma, 165  
O pai solteiro diante da técnica e da moral, 167  
A trilha do sapo, 169

### III. O MANDRIL, 189

*O mandril*, 191

1.

O mandril, 194

Bruxismo, 196

Coelho: coelhos, 198

Lixeiras afáveis, 200

2.

Um homem e seu pires, 202

Larvas e prodígios, 203

Pequena história do Brasil pelo cinema, 205

3.

Plácido e as mentiras, 208

Plácido, o mau fisionomista, 209

Plácido, o abstinente, 210

4.

Primeiro e único poema de amor, 212

A trambolha, 214

Os olhos secos, 216

5.

O cadete e o cometa de Halley, 220

Crescendo (e dançando) para a carreira militar, 222

6.

A emancipação do espírito, 226

Mocinha moringa, 228

Matrona de Vila Oratório, 230

A reserva, 231

De volta. De frente, 232

Álibi, 233

Lágrima de Zircônia, 235

Desencantamento, 237

7.

Uma quase pomba, 240

Os moradores do 104 e os seus criados, 243

*Torre de Pisa*, 247

1.

Torre de Pisa, 250

Gado holandês, 252

Ferrovias — fundões, 253

A perfeita coleção, 255

2.

Natureza-morta com animação, 258

A matriarca transformista, 260

Histórias do céu e da terra, 263

3.

Exercícios no palco, 266

O futuro, 267

A noite correndo sob a janela, 269

4.

2 leões, 272

Si(Pi)fões e serafins, 273

5.

Humanidade(s), 276

O espólio de um homem público, 278

IV. O TIO PAULISTA, 281

O Tio Paulista e a Mata Atlântica, 283

O Tio Paulista e um algo a mais, 285

O Tio Paulista e as almas, 287

V. REGIÃO, 289

VI. DOIS NARIZES, 307

Dois narizes — um estudo, 309

Posfácio

*Prosa de fronteira,*

AUGUSTO MASSI, 335

**REGIÃO**

## **I. TERMOS DE COMPARAÇÃO**

Primeira parte do livro publicado originalmente pela editora Perspectiva, em 1974, volume que trazia conto, poesia e ensaio. *Termos de comparação* recebeu o prêmio Revelação em Literatura pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

## A curiosa metamorfose pop do sr. Plácido

Na loja de eletrodomésticos onde é o gerente, o sr. Plácido ouviu soar o relógio. O amigo do sr. Plácido, entendido em arte, disse a ele:

— A Bienal fecha domingo. Você já foi?

O sr. Plácido avisou em casa:

— A Bienal fecha domingo. Vou hoje lá; aproveito que tenho a tarde livre.

A senhora do sr. Plácido respondeu-lhe:

— Morreu o Tancredo Carvalho. O enterro é às cinco da tarde. Não atrase.

“O Tancredo!”

“A sua idade!”

— E do quê?

— Enfisema pulmonar — disse a senhora do sr. Plácido.

O sr. Plácido ficou muito impressionado.

— Lembre-se também do “recipiente” — ajuntou ainda a senhora do sr. Plácido. — Compre logo para não esquecer.

— O “recipiente”!?

— Para o exame amanhã. Compre de plástico, que é mais leve e barato.

“O penico!”

— Não desista — disse o amigo entendido em arte. — Vá assim mesmo. Dá tempo.

— Mas estou tão por fora de tudo! — lamentou-se o sr. Plácido. Pensou: “Onde será que o encontro? E de plástico?”

— Escute — disse-lhe o amigo —, não se preocupe. Isso é que é o bom. Chegar à Bienal inocente.

— Como assim? — estranhou o sr. Plácido.

— Veja tudo com olhos de criança.

— Quando eu era criança — disse o sr. Plácido — detestava museus.

— Mas a Bienal é outra coisa!

O amigo do sr. Plácido ficou calado por muito tempo.

O sr. Plácido percebeu que cometera uma gafe séria.

Esperou.

Por fim o amigo do sr. Plácido disse pacientemente:

— Não procure na Bienal a eternidade dos museus e dos mármoreos. Busque o “provisório”, o “precário”, o “perecível”.

— Como? — disse o sr. Plácido; e começou a transpirar um pouco. Pensou no Tancredo. “Teria alguma relação com a arte, o enfisema?”

— Arte é vida! — disse o amigo entendido em arte.

“Bom, o Tancredo estava morto.”

— A arte — ajuntou o amigo — e a vida não estão mais separadas por um abismo; a arte cá, limpinha, assép-

tica, quadrada; a vida lá, turbulenta, suja, não senhor, são uma coisa só. Os limites entre a arte e a não arte foram borrados.

O sr. Plácido indagou timidamente:

— Mas então para quê?

— Para que o quê?

— A arte; ou a vida, tanto faz; digo, para que duas coisas se são uma só?

O amigo se calou por muito tempo.

O sr. Plácido estava tranquilo. “Fui inteligente, sem dúvida.”

— Veja — disse por fim o amigo entendido em arte, pacientemente: — O que tem você aí na loja, diante dos olhos?

O sr. Plácido enumerou:

— Geladeiras, máquinas de lavar roupa, rádios, televisores, ventiladores.

— É suficiente. E lá fora na rua?

O sr. Plácido enumerou:

— Gente, automóveis, prédios.

— Sinais de trânsito — ajudou o amigo —, anúncios, cartazes, vitrinas. Você não mencionou o principal.

— É — aquiesceu o sr. Plácido.

— Tudo isso você sabe como se chama? — perguntou o amigo do sr. Plácido. (Referia-se ao principal.)

O sr. Plácido permaneceu calado.

— Folclore Urbano! E aqui dentro, na loja, os eletrodomésticos, bem, esses eu os denominaria assim, mais por minha conta, sabe, Vegetação Urbana!

O sr. Plácido permaneceu calado.

— Tudo isso está na Bienal, entende? Noutro contexto a coisa salta aos olhos!

— Que coisa? — estranhou o sr. Plácido.

— A vida — respondeu o amigo.

O sr. Plácido ficou muito impressionado.

— Veja ainda — apontou o amigo entendido em arte —, o que é isto? e isso? e aquilo? e aquele outro? — e mostrou com o dedo os desenhos feitos no lado interno da porta do lavatório.

— Todo dia mando apagar e todo dia voltam — disse o sr. Plácido. — Gostaria de saber quem os faz. Não são maus.

— Estão na Bienal! — ajuntou triunfante o amigo.

— Como?

— Noutro contexto. Bem, mas não quero me adiantar muito. Vá. Vá inocente. Espere. Volte.

— Estou atrasado já — disse o sr. Plácido.

— Não seja passivo, entendeu?

O sr. Plácido pensou na porta do lavatório e ficou vermelho. Talvez a morte do Tancredo o estivesse impedindo de pensar com clareza.

— Atue! Coautoria. Mexa em tudo o que for para mexer! Participe. Adeus.

---

— É para criança ou adulto? — perguntou o vendedor.

O sr. Plácido teve pejo.

— Para criança — respondeu. Imediatamente pensou: “Não vou caber”.

— Que cor prefere?

— Rosa — disse o sr. Plácido para não deixar mesmo nenhuma pista. — O senhor tem caixa?

— Não — disse o vendedor. — Mas embrulhamos de maneira que a forma, o sentido do objeto, entende, desapareça completamente. Ninguém vai saber.

— Obrigado — disse o sr. Plácido. — É que devo ir ainda à Bienal e a um enterro antes de voltar para casa.

---

— Caro Plácido! Na Bienal e com um penico na mão!

— Ele jurou que o significado desapareceria.

— Nunca, meu caro Plácido. Os significados deslocam-se, transformam-se, mas não perecem.

— Você é um acadêmico — disse o sr. Plácido. — Busca a “eternidade dos mármore”. Claro que perecem.

Sentiu que dominava o assunto. Contudo era preciso não saber demais. Manter um certo grau de inocência.

— E para onde vai você com esse significado pela mão, ainda que mal pergunte?

— Daqui para um enterro. Você poderia me ajudar? Como faço com isso?

— Pegue ali dois catálogos do pavilhão americano que são os mais graúdos. Ponha o negócio no meio.

— Escorraça.

— Meu caro Plácido! Não se vence sem luta. Não se substituem significados na maciota. Faça assim.

— Agora não posso mexer.

— Como?

— Participar. O braço ficou preso. Não quero ser passivo.

---

— Claro Plácido! Que faz você em um enterro com catálogos do pavilhão americano?

— Nada. Qualquer coisa que eu fizer, o penico aparece.

— Que delicioso nonsense, meu caro Plácido! Que delicioso nonsense! Esteve na Bienal?

— É.

— Gostou? Acha que arte é denúncia?

— Procuo manter a inocência.

— Ah.

— O “olhar das crianças”, sabe, essa história toda.

— Seja mais explícito, meu caro Plácido. Exemplifique.

— Não posso, já disse. Se lhe passar o catálogo, o penico vai junto.

— E ele insiste! Simplesmente delicioso! Britânico o humor! Nunca o supus!

“De enfisema pulmonar e na minha idade.”

---

— Cor rosa e tamanho infantil! Mas Plácido! Onde tem você a cabeça?

— Se o problema é o traseiro, que interessa a você a cabeça?

— O teu amigo entendido em arte subverte a ordem das coisas! Você, por você, nunca me daria uma resposta dessas!

“De fato o equilíbrio é precário. Há um descompasso grande demais entre as duas partes: a minha e a outra. Mas

quem busca a estabilidade dos ‘mármore e museus’? A ‘paz dos túmulos’ é para quem já se foi. Estive na Bienal. E isso não se apaga numa vida.”

— Vou fechar a porta. Concentre-se e relaxe.

“Esta mulher não diz mais coisa com coisa! Como é possível? Se me concentro, não relaxo. Se relaxo, caio. É preciso ficar alerta. Algo deve cair, bem sei. Porém não eu: de mim. Devo, muito ao contrário, para que tal se dê, procurar manter-me a todo o custo.”

— Mas que faz você balançando o corpo de lá para cá? São fezes para exame, homem, isto é Ciência com C maiúsculo, não se trata de uma brincadeira. Veja se se concentra. Disso pode depender a sua vida, pense no Tancredo.

“Não consigo acertar, não consigo acertar; foi tolice, foi tolice, não há nenhuma correspondência. A Timidez Vencida em 12 Lições. Se fosse verdade não teria feito o que fiz. Fui longe demais, reconheço. De um lado, rosa e tamanho infantil, de outro, eu no ramo dos eletrodomésticos. E com a idade do Tancredo. A idade do Tancredo. Um abismo; nenhum contato. Mas... não, não é verdade; ainda que mal... deu, coube. Os limites foram borrados. Uma coisa só. Uma coisa só.”

Pela primeira vez em sua vida o sr. Plácido se observa. Agora, neste momento. Inclinado para a frente, despido da cintura para baixo, as pernas finas e cabeludas ligeiramente abertas, as nádegas imensas e brancas apoiadas na pequena e leve circunferência rosa. Tem ele a impressão de ser este o único apoio para o seu corpo, que os seus pés mal tocam o chão; paira. Dois pares de aspas, como frágeis mãos, colhem-no por baixo, delicadamente, pelas náde-

gas e guardam-no consigo. Novos limites? Não pode evitar. Exatamente como descreve o catálogo. Está no catálogo. Colhido pelas aspas como dentro de uma cápsula, aguarda a revelação; uma revelação de ponta-cabeça; mas que, se vier, fugirá imediatamente a este estado de graça, pois que de pronto será encaminhada ao laboratório para exame. Arte e ciência. Arte e não arte! Os limites depositos outra vez? As respostas acham-se retidas dentro da cápsula com o sr. Plácido. O sinal da revelação ainda é apenas o roxo na sua fisionomia congesta. O sinal é esforço, mas esforço suspenso, sem quase apoio, roxo, roxo solferino. A suspensão é auréola: o plástico rosa, frio e leve. Um precário estado de graça iluminado pelos antípodas: roxo violento, rosa tênue. Duas cores, ou uma: dois tons, ou um

puro  
perfeito  
objeto  
Pop.